

MÚSICA

Em isolamento em sua casa no Rio, Adriana Calcanhotto dedicou-se ao álbum "Só", com canções que tratam de urgência sanitária, política e social. Por **Eduardo Magossi**, de São Paulo

Nada ficou no lugar



LEO MARTINS/AGÊNCIA O GLOBO

Na quarentena, Adriana Calcanhotto escreveu uma canção por dia até a hora do almoço: "Gostaria de contribuir com este momento e o que posso fazer são canções", diz

Adriana Calcanhotto gosta de ficar em casa, no meio da mata, no Rio, quando não está em turnê ou em Portugal, onde é professora e embaixadora da Universidade de Coimbra. Em sua casa, entre suas plantas e bichos, ela não ouve os sons da cidade, as buzinas, o caos urbano, as panelas batendo, e pode burilar, durante anos, as canções que entram em seus discos. O álbum "Margem", de 2019, levou, por exemplo, uma década para ficar pronto. Em entrevista ao **Valor**, a cantora e compositora gaúcha de 54 anos diz, contudo, que tudo mudou com a quarentena imposta pelo novo coronavírus.

Impedida de voltar a Portugal para iniciar o semestre letivo, desde meados de março isolada, Adriana eliminou a pré-censura que colocava em seu processo criativo, que consistia em deixar que as canções acumulem "camadas de tempo" antes de serem concluídas.

"Fui tomada de um surto emergencial criativo e precisava compor", diz. Ao seguir seu relógio artístico, Adriana se impôs a escrever uma canção por dia até a hora do almoço. Em 11 dias, a compositora já tinha um grupo de canções que conversavam entre si e apresentavam urgência sanitária, política e social. "Em 11 dias, eu tinha os 30 minutos de música que levei uma década para concluir anteriormente."

"Só", o álbum lançado hoje, é fruto desse processo e reúne nove canções compostas, gravadas e lançadas durante a quarentena. Adriana confessa que compôs dez canções, mas uma está reservada para Maria Bethânia, que a ouviu e pediu para gravá-la. A rapidez, inusitada para a artista, com que tudo foi feito não é, contudo, sinal de precariedade e falta de refinamento. "Só" desponta como um dos álbuns mais sofisticados de Adriana Calcanhotto, tanto na urgência dos temas quanto na musicalidade funkeada, desenvolvida por ela em batidas no violão.

"Ao perceber que tinha ali um álbum, formei uma equipe para gravá-lo", diz. O cantor e compositor paraense Arthur Nogueira ficou a cargo da produção, que alinhavou os músicos da turnê anterior — Bruno di Lullo, Rafael Rocha e Bem Gil — com novidades em discos de Adriana, como Zé Manoel, Allen Alencar, Diogo Gomes e Chibatinha.

Tudo foi feito pela internet, cada um em sua casa. O processo não é novo para a cantora, mas pela primeira vez tudo foi feito a distância, virtualmente. O álbum foi composto, produzido, gravado e mixado em 43 dias com os arquivos musicais viajando pela internet entre São Paulo, Rio, Belém, Salvador, Orlando e Tóquio. Dedicado a Moraes Moreira, que morreu durante a quarentena

Em canção central no álbum, Adriana canta: "O que temos são janelas/ O que temos são painéis", com o som de um painel como fundo

e por quem Adriana tinha um profundo afeto, o álbum será lançado nas plataformas digitais e depois em vinil.

As músicas foram compostas em um fluxo entre 27 de março e 10 de abril. No álbum, estão dispostos cronologicamente formando um contínuo à medida que os dias de isolamento se acumulam. "Ninguém na Rua", construída em torno de uma batida funk feita ao violão, composta em 27 de março, abre o disco e já relata o isolamento provocado pela quarentena na letra ("Eu e você no pensamento/ Eu e você no batidão no peito"), em que a imaginação é o único local de encontro possível. O sentimento é acentuado pelo "flugelhorn" (instrumento de sopro) de Diogo Gomes.

Usado pelos músicos de hip hop para exercitar rimas, Adriana buscou na internet novas formas de batidas para compor e apresentar para seus alunos em Coimbra. Uma das batidas serviu de base para "Era Só", que ganhou piano de Zé Manoel e cordas do paraense Leo Chaves. "Era só era só/ Eu amava por nós sozinha", diz a letra, que acentua a solidão do confinamento, já expressa no título do álbum. "Eu Vi Você Sambar" nasceu de uma batida caribenha. No entanto, o olhar da compositora levou a canção para o samba, que ganhou guitarras do paraense Allen Alencar. "Meu olhar sempre é o do samba."

Também feita a partir de uma batida para exercitar rimas, "O que Temos" é o centro temático do álbum. A canção nasceu da compositora vendo depoimentos de pessoas, por meio de notícias, de como estavam vivendo confinadas. É uma canção que expõe a solidão urbana, com as pessoas em suas casas e uma das mais imagéticas do álbum.

Segundo ela, a canção lhe faz lembrar do edifício Copan, símbolo paulistano, com pessoas empilhadas, mas sozinhas. Para ela, o isolamento é um momento difícil, mas que pode ser um grande começo. "Nas sacadas e nos sobrados/ Nós estamos amontoa-

dos e sós/ O que temos são janelas", diz a letra inicialmente, para mais tarde concluir "O que temos são janelas/ O que temos são painéis", tendo o som do painel de 22 de abril na Gávea, no Rio, como fundo, indicando uma saída na resistência.

Para Adriana, é preciso agir com o que se tem. A cantora confessa que já esteve mais angustiada. "Temos que ter paciência", diz. Para ela, os processos antidemocráticos sempre terminam. O momento que o Brasil atravessa está presente nas canções e é um dos motivos que fez Adriana levar adiante este projeto, explica. "Gostaria de contribuir com este momento, e o que posso fazer são canções", diz, repetindo o que afirmou em "live" realizada pelo Sesc na semana passada.

O samba "Sol Quadrado" conta com o caquinho de Pretinho da Serrinha e uma letra que evoca a lei da gravidade. "Diz uma lei da física/ Que o que jogas pro alto volta para o teu telhado/ O mundo dá voltas e agora/ Até o gado tá baratinado", afirma a letra, uma referência aos grupos que seguem cegamente seus líderes.

Em "Tive Notícias Suas", a compositora se inspirou na infinidade de "breaking news" transmitidas pelas emissoras de TV. "São 'breaking news' das 'breaking news'." Arranjo de sopros de Diogo Gomes brinca com o som das trombetas das emissoras de TV. Na onírica "Lembrando da Estrada", o arranjo à la Nino Rota remete à vida de artista e suas turnês, interrompida pela quarentena.

Desde 2004, quando gravou "Fico Assim Sem Você" (Claudinho e Buchecha), Adriana namora o funk. Em "Bunda Lele", brinca com o vocabulário tradicional do funk: "Na quarentena o que é que faz/ Senta senta senta senta/ Senta a bunda e estuda".

O álbum termina com "Corre o Munda", uma homenagem ao rio Mondego, que corta Coimbra e era chamado de Munda pelos romanos. A canção contém um dos versos mais bonitos de Adriana: "Não existe rima para ti, Coimbra". "Não sei se o mundo vai acabar, como vai ser o mundo depois da pandemia. Fiquei me perguntando se um dia voltarei para Coimbra e me veio a 'Canção do Exílio' em mente, mas na ordem inversa."

A letra continua: "Não permita Deus que eu morra sem voltar/ A flamar-te sob o céu cinza/ A encher meus olhos com o rio raso que te serpenteia/ Por onde vagueia tua compositora sem eira nem beira". Da Universidade de Coimbra, localizada no alto da cidade, é possível ver o rio passar. "Na biblioteca, existem pequenas celas com pequenas janelas onde é possível ver o rio. E serve de lembrete que ele segue passando e não está nem aí para a gente." ■